

Zilene dos Reis Maciel
Mestra em Educação pela
UEPA, com pesquisa sobre
o imaginário amazônico e
os saberes tradicionais da
Lagoa de Maiaú, em
Moju/PA. Especialista em
Ensino de Língua e
Literatura nos Anos
Iniciais e na Educação de
Jovens e Adultos (UFPA),
e Metodologias do Ensino
de Língua Portuguesa e
Literatura na Educação
Básica (UNOPAR).

ENTRE A PALAVRA E O DESEJO: A HOMOSSEXUALIDADE EM CENA

RESUMO

Este artigo analisa a representação da homossexualidade nas obras realistas brasileiras do século XIX, com ênfase nos romances *O Cortiço* (Aluísio Azevedo, 2010) e *Bom Crioulo* (Adolfo Caminha, 2010). Inseridos em um contexto histórico marcado por transformações sociais, políticas e culturais, os textos retratam de forma pioneira relações homoafetivas, desafiando os tabus e preconceitos da época. A partir de uma abordagem crítica que articula o determinismo social e os fundamentos do naturalismo, as obras evidenciam os desejos, afetos e conflitos de seus personagens, revelando a hipocrisia da moral dominante e as tensões entre corpo, sexualidade e poder. A metodologia adotada é a análise literária descritiva, de natureza qualitativa e bibliográfica, fundamentada nas contribuições teóricas de Foucault (1988), Coutinho (2002), Bosi (2002), Candido (2006), Moreira (2012), entre outros. A análise destaca a relevância desses autores na ampliação do discurso literário sobre a diversidade sexual no Brasil, contribuindo para a compreensão das relações homoafetivas em um período de intensas mudanças sociais.

Palavras-chave Realismo brasileiro; Homossexualidade; Literatura.

BETWEEN THE WORD AND DESIRE: HOMOSEXUALITY ON STAGE

ABSTRACT

This article analyzes the representation of homosexuality in 19th-century Brazilian realist literature, with emphasis on the novels *O Cortiço* (Aluísio Azevedo, 2010) and *Bom Crioulo* (Adolfo Caminha, 2010). Set within a historical context marked by social, political, and cultural transformations, these texts portray same-sex relationships in a pioneering way, challenging the taboos and prejudices of their time. Through a critical approach that articulates social determinism and the principles of naturalism, the novels expose the desires, affections, and conflicts of their characters, revealing the hypocrisy of dominant moral values and the tensions between body, sexuality, and power. The adopted methodology is descriptive literary analysis, with a qualitative and bibliographic nature, grounded in the theoretical contributions of Foucault (1988), Coutinho (2002), Bosi (2002), Candido (2006), Moreira (2012), among others. The analysis highlights the importance of these authors in expanding the literary discourse on sexual diversity in Brazil, contributing to a broader understanding of same-sex relationships during a period of profound social change.

Keywords: Realism; Homosexuality; Literature.

Este artigo passou por
avaliação por pares cega e
software anti-plágio.



LICENÇA ATRIBUIÇÃO NÃO
COMERCIAL 4.0 INTERNACIONAL
CREATIVE COMMONS – CC BY-NC

INTRODUÇÃO

A segunda metade do século XIX no Brasil foi marcada por intensas transformações sociais e políticas, como a crise da Monarquia, o avanço da filosofia cientificista, o Positivismo, o Evolucionismo, a ascensão da burguesia, a industrialização e o fortalecimento do capitalismo.

Esse contexto de profundas mudanças propiciou o surgimento de um novo panorama cultural e literário, dando origem ao Realismo — movimento contrário ao Romantismo, cujo objetivo era retratar o ser humano, seu meio e seus comportamentos de forma objetiva, sem artifícios que ocultassem a sua face real.

Afrânio Coutinho (2002, p. 12) define o Realismo como:

A tendência literária que procura representar, acima de tudo, a verdade, isto é, a vida tal como é, utilizando-se, para isso, da técnica da documentação e da observação contrariamente à invenção Romântica. Interessado na análise de caracteres, encara o homem e o mundo objetivamente, para interpretar a vida. [...] A estética realista procura atingir a beleza sob os disfarces do comum e do familiar, no ambiente local e na cena contemporânea.

Assim, o Realismo busca reproduzir os detalhes da vida humana e social observando os acontecimentos, sentimentos e comportamentos, com o intuito de representar um universo próximo à realidade social. No Brasil, segundo Massaud Moisés (2004, p. 17):

[...] inaugurou-se entre nós com a publicação de *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, em 1881, ano em que ainda aparecem as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, ambas como que apontando as duas trilhas por onde há de singrar o Realismo.

Portanto, o Realismo figura entre os movimentos literários mais relevantes do país, especialmente por retratar, com verossimilhança, a realidade histórica, social e cultural de uma nação em transição.

Em *O Cortiço*, por exemplo, Aluísio Azevedo descreve a população pobre, ainda escrava ou remanescente da escravidão. Entre os autores realistas, destaca-se

também Inglês de Sousa, que em *O Coronel Sangrado* retrata o cenário amazônico do século XIX, revelando o lado exótico da região por meio de personagens movidos por sentimentos sórdidos e bestiais, características da estética do movimento.

Assim cabe ressaltar que, a metodologia adotada para este estudo parte da análise literária descritiva, de natureza qualitativa e bibliográfica, fundamentada nas contribuições teóricas de Foucault (1988), Coutinho (2002), Bosi (2002), Candido (2006), Moreira (2012), entre outros. A análise destaca a relevância desses autores na ampliação do discurso literário sobre a diversidade sexual no Brasil, contribuindo para a compreensão das relações homoafetivas em um período de intensas mudanças sociais.

Informa-se que este artigo está estruturado da seguinte forma: em “Literatura e Sociedade: algumas considerações”, abordamos resumidamente o contexto histórico brasileiro e seu impacto na criação literária; em “Aluísio Azevedo: entre sombras e desejos; e Adolfo Caminha: o *tabu* de uma sociedade ferida”, apresentamos a trajetória e a produção literária de Aluísio Azevedo e Adolfo Caminha; em “Entre O Cortiço e Bom Crioulo: perspectiva da homossexualidade na obra literária”, discutimos reflexões acerca da sexualidade; em “Amaro e Aleixo: corpo, desejo e ruína”, realizamos a análise da relação homoafetiva em Bom Crioulo; em “Pombinha e Léonie: transgressão e desejo”, exploramos a relação homossexual feminina em O Cortiço; e por fim, apresentamos as Considerações Finais e as Referências.

LITERATURA E SOCIEDADE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Segundo Coutinho (2002), o contexto histórico-político brasileiro, inquieto pela imigração europeia, movimentos abolicionistas, ideias republicanas, a crise do Império e o cientificismo positivista, foi crucial para a elaboração de obras literárias voltadas ao combate, às denúncias e às mudanças sociais do final do século XIX e início do XX.

Massaud Moisés (2004, p. 16) destaca que:

Criada em tal ambiência, a obra literária passou a ser considerada utensílio, arma de combate, voltada para a transformação do corpo social, tendo em vista um limite de perfeição, calcado na conquista da Ciência.

Nesse sentido, Aluísio Azevedo, em *O Cortiço* (2010), revela as faces sociais das classes estigmatizadas, sobretudo em um ambiente marginalizado do Rio de Janeiro do final do século XIX.

O poder de tipificação empregado apresenta personagens cujos destinos são determinados pelo meio em que nascem - nasceu pobre, vai morrer pobre, reforçando a perspectiva cientificista, positivista e determinista, pontuada por Bosi (2002, p. 172): “reflete-se na perspectiva em que se movem os narradores ao trabalhar as suas personagens. A pretensa neutralidade não chega ao ponto de ocultar o fato de que o autor carrega sempre de tons sombrios o destino de suas criaturas”.

Assim, a obra representa a realidade sem ser a realidade, expondo os desvios morais, a degradação humana e a faceta oculta de uma sociedade empenhada em esconder suas mazelas.

Azevedo (2010) retrata Léonie, uma prostituta com traços recatados de dama da sociedade carioca, que nutre uma paixão por Pombinha, jovem moradora do cortiço, conforme descreve:

Léonie, com suas roupas exageradas e barulhentas de cocote à francesa, levantava rumor quando lá ia e punha expressões de assombro em todas as caras. O seu vestido de seda cor de aço, enfeitado de encarnado sangue de boi, curto, petulante, mostrando uns sapatinhos à moda com um salto de quatro dedos de altura; [...]. Nisto, chegou Pombinha com dona Isabel. [...]. A cocote recebeu-a com exclamações de agrado e beijo-a nos dentes e nos olhos repetidas vezes (Azevedo, 2010, p. 67-70).

De modo similar, Adolfo Caminha, em *Bom Crioulo* (2010), utiliza linguagem direta e objetiva para retratar uma sociedade “cheia de chagas”, em que o homem é fruto do meio, dos tipos marginalizados, das relações de poder e da sexualidade, tema central do romance e que permanece atual.

Ao retratar um meio corrompido, Caminha enfatiza as peculiaridades humanas ocultadas pelo Romantismo, trabalhadas pelo Realismo e escancaradas pelo Naturalismo, como destaca Coutinho (2002, p. 88): “o Naturalismo veio dar maior vigor, com um colorido por vezes brutal”.

Dessa forma, a literatura e a sociedade são intrinsecamente relacionadas, enriquecendo cultural e intelectualmente os leitores, como ressalta Antônio Candido (2006, p. 138): “a burguesia brasileira se desenvolveu sob influxos predominantemente literários, e a sua maneira de interpretar o mundo circundante foi estilizada em termos, não de ciência, filosofia ou técnica, mas de literatura”.

ALUÍSIO AZEVEDO: ENTRE SOMBRAS E DESEJOS

De acordo com Massaud Moisés (2004) em *História da Literatura Brasileira*, Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo, carinhosamente conhecido como Aluísio Azevedo, nasceu em São Luís/MA, em 14 de abril de 1857, e faleceu em 21 de janeiro de 1913, em Buenos Aires, Argentina.

Filho de Emília Amália Pinto de Magalhães e do vice-cônsul de Portugal, David Gonçalves de Azevedo. Sua infância foi marcada pelo preconceito, já que a união de seus pais era considerada uma afronta à sociedade patriarcal da época, pois Dona Emília era separada quando se amigou com David Azevedo, sendo Aluísio fruto de um relacionamento repudiado pela Igreja.

Dotado de grande talento para as artes, Azevedo mudou-se para o Rio de Janeiro com o intuito de cursar a Academia de Belas Artes, passando a trabalhar em jornais e revistas como caricaturista.

Após o falecimento de seu pai, retorna ao Maranhão, onde inicia sua trajetória literária, publicando, em 1880, o romance *Uma Lágrima de Mulher*. Sua segunda publicação, *O Mulato* (1881), já apresenta traços realista-naturalistas e confere ao escritor notoriedade, impulsionando-o a retornar ao Rio de Janeiro.

Além de *O Cortiço* (1890), Aluísio escreveu os romances: *A Condessa Vésper* (1882), *Girândola de Amores* (1882), *Filomena Borges* (1884), *Casa de Pensão* (1884), *O Homem* (1887), *O Coruja* (1890), *O Esqueleto* (1890), *A Mortalha de Alzira* (1894), *Livro de uma Sogra* (1895); um livro de contos: *Demônios* (1893); um de crônicas e cartas: *O Touro Negro* (1938); e algumas peças teatrais em parceria com outros escritores, como Artur Azevedo e Emílio Rouè.

Ansiando tornar-se um ícone da literatura brasileira, Azevedo viu sua obra alcançar grande repercussão; contudo, não obteve o reconhecimento esperado, optando, assim, pela carreira diplomática.

Entre suas obras, a de maior destaque foi *O Cortiço*, publicado em 1890 — criação que retrata uma sociedade degradada, tal como é despida de qualquer traço romântico. Como explicita Massaud Moisés (2004, p. 39):

é o universo fechado de uma habitação coletiva, paredes meias com o prostíbulo e o hospital, povoada, em promiscuidade viciosa, de seres marginalizados pela cor, a falta de dinheiro ou a desgraça. Ou porque identificados desde a origem, ou por cederem ao ambiente, afogam-se na ignomínia a que os reduziu a marginalidade.

Contrastam com esse pano de fundo miserável dois representantes da classe burguesa, o vendeiro João Romão e o Miranda, ‘negociante português [tanto quanto o outro], estabelecido na rua do Hospício com uma loja de fazenda por atacado’. O contraponto das duas camadas sociais conduz o romance, numa interação dialética; os conflitos dos moradores do cortiço estão condicionados, na maior parte, ao fato de serem explorados pelo homem que possui o dinheiro e, portanto, as casas de aluguel: João Romão. Defrontam-se, assim, duas classes, movidas pelo ódio e pela ganância: é o *homo lúpus hominis*, em que o deus dinheiro mais uma vez fornece a tábua de referência. Atrofiada a consciência moral pelo aviltamento (no caso dos moradores), e pela cupidez doentia de João Romão.

Em *O Cortiço*, Aluísio Azevedo (2010) explora temas como adultério, prostituição, alcoolismo, sexualidade, homossexualidade, o papel da mulher naquele ambiente, a exploração, a ganância, entre outras características de uma sociedade capitalista em ascensão.

ADOLFO CAMINHA: O TABU DE UMA SOCIEDADE FERIDA

Outro autor de grande relevância para o movimento Realista, é Adolfo Ferreira Caminha, popularmente conhecido como Adolfo Caminha. Nasceu em 29 de maio de 1867, na cidade de Aracati/CE, e faleceu em 1º de janeiro de 1897, na cidade do Rio de Janeiro, ainda jovem, beirando os trinta anos, vítima de tuberculose.

Quando criança, mudou-se com sua família para o Rio de Janeiro, fugindo da seca que assolava o estado do Ceará. Mais tarde, no ano de 1883, ingressou na Escola da Marinha, onde começou a trabalhar, atingindo a patente de segundo-tenente.

Seu retorno a Fortaleza foi cercado por um escândalo amoroso, fato que o levou a afastar-se da Marinha. Adolfo Caminha, então, iniciou uma nova jornada, trabalhando na Tesouraria da Fazenda.

Como escritor Realista-Naturalista, Caminha abraçava as causas abolicionistas. De volta ao Rio de Janeiro, começou a publicar suas obras. Também escreveu para jornais, como a *Gazeta de Notícias* e o *Jornal do Comércio*.

No rol de suas obras constam: *Vãos Incertos* (poesia – 1885-86), *A Normalista* (romance – 1892), *Judite* (conto – 1893), *Lágrima de um Crente* (conto – 1893), *No País dos Ianques* (crônica – 1894), *Bom-Crioulo* (romance – 1895), *Cartas Literárias* (crítica – 1895) e *Tentação* (romance – 1896), este último publicado um ano antes de sua morte.

De todas as suas criações, a que provocou maior escândalo à época foi *Bom-Crioulo*, obra que retrata o romance vivido entre dois marinheiros: Amaro, um escravo fugido, e Aleixo, jovem por quem Amaro se apaixona perdidamente.

Ainda na obra, entra em cena uma terceira personagem de grande importância: uma prostituta que, outrora salva por Amaro de um assalto, também se envolve com o grumete Aleixo, iniciando um triângulo amoroso.

A obra, além de escandalosa para seu tempo, inaugura uma abordagem inédita da homossexualidade e da questão racial na literatura brasileira, revelando as tensões de uma sociedade marcada pela herança escravocrata e pelos preconceitos vigentes, como pontua Trevisan (2000).

A escrita de Caminha, ao retratar o amor homoerótico entre personagens marginalizados, oferece uma crítica contundente às normas sociais e aos padrões morais da época, isto é, denúncia da hipocrisia social e dos mecanismos de exclusão, ao mesmo tempo que desafia a representação normativa da sexualidade na literatura do século XIX.

ENTRE O CORTIÇO E BOM CRIOULO: PERSPECTIVA DA HOMOSSEXUALIDADE NA OBRA LITERÁRIA

Michel Foucault (1988) em *História da Sexualidade*, aborda a sexualidade humana como um discurso oculto, permeado por extravagâncias mórbidas. Esse discurso social, fundamentado na moral, reverberou classificações que influenciaram normas médicas, sobretudo voltadas ao corpo da mulher, sob o pretexto de revelar a verdade sobre o sexo aos interditos, reproduzindo uma dinastia de controle imaginário dos males que repercutiram por gerações.

Nesse sentido, o sexo, enquanto comportamento humano, foi encarado mais como instrumento das potências da ordem do que como expressão dócil às exigências da verdade, priorizando o uso do prazer em detrimento da razão.

À luz do que explica Michel Foucault (1988, p. 08), as práticas sexuais no início do século XVII eram vistas como algo natural:

Diz-se que no início do século XVII ainda vigorava uma certa franqueza. As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com os do século XIX. Gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos ‘pavoneavam’.

Entretanto, o sexo, enquanto comportamento comum do ser humano, foi progressivamente transformado em tabu; essa ação corriqueira da humanidade passou a ser domínio da religião, da ciência e da sociedade. Ao entrar no século XIX,

tornou-se propriedade do lar, consumado apenas para a procriação, com pudor e moderação, conforme ditavam a moral e os costumes da Igreja e a sociedade patriarcalista, como elucida Foucault (1988, p. 08):

A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca e a absorve inteiramente na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, cala-se. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo.

Assim, os discursos de Foucault (1988) encontram consonância no romance de Caminha. Em *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha (2010, p. 14) reproduz essa realidade: “Herculano acabava de cometer um verdadeiro crime não previsto nos códigos, um crime de lesa natureza, derramando inutilmente no convés seco e estéril, a seiva geradora do homem.”

Para o ato sexual, segundo Foucault (1988, p. 09), “só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal.”

Assim, outras formas de prazer foram consideradas perversas; uma forma absurda. Dessa maneira, a prostituição, o incesto e a homossexualidade iam contra a natureza e a lei, podendo o praticante ser condenado de diversas formas, tanto pela ordem civil quanto pela religiosa. Caminha (2010, p. 50) descreve tal assertiva:

Sensação de ventura infinita espalhava-se em todo o corpo. Começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca experimentados, uma como vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se-lhe para o que ele quisesse, uma vaga distensão dos nervos, um prurido de passividade [...] Ande logo! murmurou apressadamente, voltando-se. E consumou-se o delito contra a natureza.

Nesse cenário, o movimento estético Realista-Naturalista foi o que mais produziu literatura próxima da realidade, sobretudo desmitificando o lado doentio, amoral e degenerado do sexo em oposição ao prazer, à satisfação e à realização afetiva que envolve o ato sexual entre duas pessoas, independentemente do sexo.

Assim, essas características encontram ressonância tanto na prostituição quanto na homossexualidade, faces supostamente livrescas, cujo fim não é a procriação, mas a realização prazerosa.

Dessa forma, a literatura realista desnuda os disfarces dos obstáculos morais e econômicos de um ato tradicionalmente construído em consonância com a família, rompendo as barreiras do discurso racional a respeito das relações humanas. De forma objetiva, próxima da realidade e dos problemas da época, a prostituição e a homossexualidade foram temas tratados com afinco.

AMARO E ALEIXO: CORPO, DESEJO E RUÍNA

Em *Bom Crioulo*, romance em que Adolfo Caminha (2010) retrata o envolvimento amoroso, paixão avassaladora, vivida entre dois integrantes da marinha, o negro e fugitivo Amaro e o branco e jovem Aleixo, desfrutavam de uma relação homoafetiva que Caminha (2010, p. 54) assim dispõe:

[...] uma febre extraordinária de erotismo, um delírio invencível de gozo pederasta [...] agora compreendia que só no homem, no próprio homem, ele podia encontrar aquilo que debalde procurara nas mulheres. [...], mas também não concebia, por forma alguma, esse comércio grosseiro entre indivíduos do mesmo sexo; entretanto, quem diria! o fato passava-se agora consigo próprio, sem premeditação, inesperadamente. E o mais interessante é que aquilo ameaçava ir longe, para mal de seus pecados [...] não havia jeito, senão ter paciência, uma vez que a natureza impunha-lhe esse castigo. Afinal de contas era homem, tinha suas necessidades.

Como narrado, o tabu sexual, o envolvimento, se desenvolvem em dois ambientes: no mar, na corveta da marinha, e em terra, num quartinho de subúrbio na cidade do Rio de Janeiro.

A obra, escrita numa época em que os valores do conservadorismo e do patriarcado eram consistentes, a homossexualidade estava longe de ser assunto das rodas de conversas entre amigos ou entre as famílias conservadoras.

A paixão entre dois homens deveria existir, mas longe dos olhares dessa sociedade hipócrita, como explicita Caminha (2010, p. 74):

Bom-Crioulo não se importou: foi continuando a viver tranquilamente, ora bordo, ora em terra, numa grande paz de espírito, vendo crescer a seu lado o Aleixo, assistindo-lhe o desenvolvimento prematuro de certos órgãos, desabrochar da segunda idade, como quem estuda a evolução de uma flor curiosa.

Em cenas fortes, marcadas pelo homoerotismo, Caminha (2010) descreve aberta e minuciosamente a relação íntima entre Amaro e Aleixo; o sentimento fulminante que envolveu o negro Amaro, a paixão que o escravizou e o levou a se submeter a um jovem rapaz, fazendo de tudo para agradá-lo e tê-lo por perto. Conforme expõe Caminha (2010, p. 139):

Agora é que tinha um desejo enorme, uma sofreguidão louca de vê-lo, rendido a seus pés, como um animalzinho; agora é que lhe renasciam ímpetos vorazes de novilho solto, incongruências de macho em cio, nostalgias de libertino fogofo [...] tinham-lhe despertado o sangue, fora como uma espécie de urtiga brava arranhando-lhe a pele, excitando-o, enfurecendo-o de desejo. Agora sim, fazia questão! E não era somente questão de possuir o grumete, de gozá-lo como outrora, lá cima, no quartinho da Rua da Misericórdia: era questão de gozá-lo, maltratando-o, vendo-o sofrer, ouvindo-o gemer [...] não, não era somente o gozo comum, a sensação ordinária, o que ele queria [...]: era o prazer brutal, doloroso, fora de todas as leis, de todas as normas [...] E havia de tê-lo, custasse o que custasse!

O romance de Amaro e Aleixo não podia aparecer aos olhares do público, por ser uma relação proibida, não aceita e, por isso, sujeita ao quartinho insalubre. Assim, o relacionamento reflete o preconceito e a conduta que circula na sociedade do final do século XIX, repisando a antiga ideia, “a homossexualidade passou a ser [...] sinal de degenerescência, surgindo um julgamento moral, fruto de discursos religiosos, jurídicos e médicos” informa Moreira (2012, p. 267).

Em sua obra Caminha (2010) induz Amaro a outra direção. Direção que surpreende o leitor, pôr a relação em si, se mostrar repulsiva aos olhos da sociedade

da época, e mais ainda, ao englobar no enredo um terceiro personagem que marcará o enlace dos amantes, D. Catarina.

A dona da pensão vai atribuir à obra o lado criminoso, quando a prostituta se envolve com o jovem Aleixo apenas para satisfazer seus caprichos, Caminha (2010, p. 84) assim evidencia: “E a portuguesa, sentando-se também, alisando-lhe o cabelo com as mãos, rubra de calor: Pois é isto, minha flor: o que eu tinha a dizer é que estou apaixonada por ti!”

Caminha (2010) não poderia deixar fora de seu romance o que há de mais desprezível e ofensivo para espécie humana. Dona Carolina, portuguesa, velha prostituta, junta-se ao casal e forma o triângulo amoroso um tanto inusitado, um rapaz sendo disputado por um homem e uma mulher, caso que terminará em crime passionai.

A paixão avassaladora de Amaro por Aleixo tornara-se sentimento obscuro, ciúme descontrolado, desejo violento e Amaro, enfurecido com o novo envolvimento do amado, construirá um percurso diferente para Aleixo, como expõe Caminha (2010, p. 137):

Amigado, o Aleixo! Amigado, ele que era todo seu, que lhe pertencia como o seu próprio coração: ele, que nunca lhe falara em mulheres, que dantes era tão ingênuo, tão dedicado, tão bom! [...] Amigar-se, viver com uma mulher, sentir o contato de outro corpo que não o seu, deixar-se beijar, morder, nas ânsias do gozo, por outra pessoa que não ele, Bom-Crioulo!

E no ímpeto da loucura, enfurecido, sentindo-se traído, Amaro toma medidas aterrorizantes ao assassinar o amante como evidência Adolfo Caminha (2010, p. 148-149):

O negro teve um daqueles ímpetos medonhos, que o acometiam às vezes, [...] grita, anda, grita pela vaca da Carolina! Me solte! continuou o efebo trêmulo, acovardado. Me largue! [...] Os olhos do negro tinham uma expressão feroz e amargurada, muito rubros, cruzando-se, às vezes, num estrabismo nervoso de alucinado. [...] notícias vagas, incompletas. Inventavam-se histórias de assassinato, de cabeça quebrada, de sangue. [...] e D. Carolina também chegara à janela com

a vozeria, com o barulho, viu, entre duas filas de curiosos, o grumete ensanguentado [...] uma nuvem escureceu-lhe a vista, correu um frio pelo corpo, e toda ela tremia horrorizada, branca, imóvel. [...] Aleixo passava nos braços de dois marinheiros, levado como um fardo, o corpo mole, a cabeça pendida para trás, roxo, os olhos imóveis, a boca entreaberta. O azul-escuro da camisa e a calça branca tinha grandes nódoas vermelhas. O pescoço estava envolvido num chumaço de panos. Os braços caíam-lhe, sem vida, inertes, bambos, numa frouxidão de membros mutilados.

A paixão arrebatadora de Amaro por Aleixo o induziu a cometer um crime brutal. Como o romance refletia a realidade próxima, Adolfo Caminha teve sua obra censurada e considerada inapropriada, recebendo críticas negativas devido seu teor transgressor e abominável. Contudo, não impediu que logo no primeiro lote a obra fosse esgotada e em seguida saísse de circulação, para séculos depois ser considerada obra-prima da Literatura Brasileira.

POMBINHA E LÉONIE: TRANSGRESSÃO E DESEJO

Assim como ocorre em *Bom-Crioulo*, Aluísio Azevedo (2010) retrata em *O Cortiço* o envolvimento homoafetivo, desta vez entre duas mulheres, em um cenário marcado pela decadência e pela opressão social: o cortiço.

Azevedo insere sua narrativa dentro da forte vertente naturalista, “conciliava a arte e a polêmica, sem os exageros da falsa ciência” como menciona Coutinho (2002, p. 77). Bosi (2002, p. 190) também reforça esse traço ao destacar que:

em *O Cortiço* Aluísio atinou de fato com a fórmula que se ajustava a seu talento: desistindo de montar um enredo em função de pessoas, ateve-se à sequência de descrições muito precisas onde cenas coletivas e tipos psicologicamente primários fazem, no conjunto, do cortiço a personagem mais convincente do nosso romance naturalista.

Seguindo essa linha de raciocínio, as personagens são delineadas com características biológicas deterministas, cada qual com seu nascimento, desenvolvimento e “decadência”. Neste contexto, interessa-nos o modo como a

homossexualidade feminina — a lesbianidade — é construída por meio da relação entre Pombinha e Léonie.

Pombinha é inicialmente apresentada como a personificação dos valores da sociedade patriarcal. Educada, piedosa e recatada, era admirada por todos no cortiço, conhecida como a “flor do cortiço”. Via no casamento o meio legítimo para ascender socialmente.

Em contraste, Léonie, prostituta de origem francesa, visitava o cortiço por conta da amizade com a madrinha de sua afilhada. De temperamento ousado, era uma mulher à frente de seu tempo: independente, dona de bens e de si mesma.

Logo em sua primeira aparição no romance, Azevedo descreve com intensidade o afeto que nutre por Pombinha: “A cocote recebeu-a com exclamação de agrado e beijou-a nos dentes e nos olhos repetidas vezes” (Azevedo, 2010, p. 70).

Léonie é representada sob duas perspectivas. A primeira, depreciativa, é a do olhar social que a condena como prostituta e corruptora da moral. A segunda, contraditória, é a da mulher empoderada, autônoma, senhora de seu corpo e dos seus desejos — um arquétipo de liberdade que inspira outras mulheres, como observa Rita Baiana ao descrevê-la: “Enfim, só o que afianço é que esta não está sujeita, como Leocádia e outras, a pontapés e cachações de um bruto de marido! É dona de suas ações! Livre como o lindo amor! Senhora de seu corpinho, que ela só entrega a quem muito bem lhe der na veneta!” (Azevedo, 2010, p. 69).

Entretanto, Léonie comete um ato de violência sexual contra Pombinha, marcado pelo abuso de poder e pela objetificação do corpo da menina. O estupro é descrito com brutalidade por Azevedo (2010, p. 86):

puxando-a contra si e deixando-se cair sobre um divã. Sabes? Eu te quero cada vez mais! [...] E, apesar dos protestos, das súplicas e até das lágrimas da infeliz, arrancou-lhe a última vestimenta, e precipitou-se contra ela, a beijar-lhe todo o corpo.

O episódio muda radicalmente o rumo da vida de Pombinha. Ela passa a refletir sobre o poder que algumas mulheres exercem sobre os homens e sobre si mesmas,

questionando a submissão que a sociedade lhe impunha. “E surgiu-lhe então uma ideia bem clara da sua própria força e do seu próprio valor. Sorriu” como informa Azevedo (2010, p. 94).

Ainda que ceda ao casamento por consideração à mãe, sua relação matrimonial se revela insatisfatória e opressiva. Após uma traição e o abandono do marido, Pombinha segue os passos de Léonie e entrega-se à prostituição.

Transforma-se numa mulher empoderada, mas também marcada pela degradação moral que o naturalismo atribui aos espaços e contextos de miséria. A narrativa encerra com a constatação de que o ciclo da corrupção continua, agora com a nova geração, conforme se observa em Azevedo (2010, p. 148-149):

Agora, as duas cocotes, amigas inseparáveis [...] dominavam o alto e o baixo Rio de Janeiro. [...] a cuja filha, sua protegida predileta, votava agora, por sua vez, uma simpatia toda especial, idêntica à que noutro tempo inspirara ela própria à Léonie.

Tanto Aluísio Azevedo em *O Cortiço*, quanto Adolfo Caminha em *Bom-Crioulo*, assumem o papel de cronistas da margem, dando voz ao lado oculto e reprimido da sociedade do século XIX — suas perversões, seus desejos silenciados, sua brutalidade. Ambos escancaram, por meio da ficção, as contradições de uma sociedade regida pelo patriarcalismo, pela hipocrisia e pelo controle moral.

Considerações Finais

Diante do que foi apresentado, fica evidente que os romances de Aluísio Azevedo e Adolfo Caminha ocupam um lugar de destaque no movimento Realista da Literatura Brasileira, principalmente por abordarem o tema da homossexualidade com uma objetividade incomum para o período.

Em uma época em que a sociedade não estava preparada para ouvir as vozes homoafetivas, esses autores tiveram a coragem de apresentar relações amorosas entre pessoas do mesmo sexo, rompendo com a visão predominante que considerava tais relações como meros desvios morais ou comportamentos torpes e condenáveis.

Através das histórias de Amaro e Aleixo, em *Bom Crioulo*, e de Pombinha e Léonie, em *O Cortiço*, percebemos que as relações homoafetivas são carregadas de sentimentos profundos, desejos legítimos e a busca pelo prazer e pelo amor.

Mesmo diante das dificuldades impostas por ambientes sociais adversos e preconceituosos, os personagens buscam a liberdade e o consolo que o amor pode oferecer, revelando um lado humano e sensível muitas vezes apagado pelos discursos dominantes da época.

O contexto histórico do final do século XIX, marcado por uma visão restrita do ato sexual — considerado válido apenas quando voltado à procriação, à moral religiosa e aos interesses econômicos — é desafiado por essas obras, que deixam claro, seja de forma sutil, como em *O Cortiço*, ou de maneira mais direta e contundente, como em *Bom Crioulo*, a paixão e a intensidade dos vínculos afetivos entre os amantes. Essa forma de representação abre portas para o reconhecimento de outras formas de amor, além do tradicional heteronormativo.

Com o passar dos séculos, o debate em torno da homossexualidade irá evoluir para um enfoque mais humanitário, impulsionado pelos movimentos sociais, pelas perseguições sofridas e pela luta por reconhecimento e direitos. Nesse processo, a literatura produzida por Azevedo e Caminha torna-se fundamental, pois prepara o terreno para essas discussões, oferecendo, desde o século XIX, um espaço para questionar, refletir e visibilizar as relações homoafetivas como parte legítima e complexa da experiência humana.

Assim, esses autores não apenas denunciam as contradições e hipocrisias de uma sociedade patriarcal e moralista, mas também humanizam personagens que a seu tempo foram marginalizados, contribuindo para a construção de um discurso literário que, ainda que atravessado por preconceitos, aponta para a diversidade e a riqueza das relações afetivas e sexuais. Dessa forma, a obra deles permanece atual e essencial para compreendermos os desafios e avanços no reconhecimento da diversidade sexual na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2002.

CAMINHA, Adolfo. **Bom-Crioulo**. [S.I]: Fundação Biblioteca Nacional, 2010. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/bom_crioulo_2.pdf. Acesso em: 22 fev. 2020.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Global, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira: Realismo e Simbolismo**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

MOREIRA, Adailson. A Homossexualidade no Brasil no Século XIX. **Bagoas-estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 6, n. 07, 26 de nov. 2012, p. 253 – 279. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2244> . Acesso em: 22 de fev. de 2020.

TREVISAN, João Silvério. **A clínica da homofobia: ensaios sobre sexualidade, direito e política**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.